

Netporn – Implicações no Tipo de Atitudes Sexuais e Crenças sobre a Violência Sexual

Netporn – Implications for the type of Sexual Attitudes and Beliefs on Sexual Violence

Ana Sofia Semedo Pereira Lopes¹

PSIQUE – ISSN 1647-2284 – N.º 10 – Janeiro-Dezembro 2014 – pp. 51-90

Recebido em 06/02/2014; aceite em 27/05/2014

Resumo

Conduziu-se um estudo com os objetivos de verificar a existência de consumo de pornografia através da internet, numa amostra de alunos e ex-alunos universitários, assim como a implicação deste no tipo de atitudes face à sexualidade e crenças legitimadoras da violência sexual. Participaram 91 sujeitos, 31 homens e 60 mulheres, com idades compreendidas entre os 18 e os 53 anos, sendo a média de idades 33.16 e o desvio padrão de 8.91. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Atitudes Sexuais (EAS), Escala de Crenças sobre a Violência Sexual (ECVS) e um Questionário Sociodemográfico. Segundo os resultados, 42.9% dos participantes visualizaram pornografia na internet nos últimos 30 dias. Comparados com os participantes que não visualizaram pornografia, os sujeitos que visualizam revelaram atitudes mais permissivas em relação a práticas sexuais ocasionais, de menor convencionalidade, com diversidade e simultaneidade de parceiros, visando somente a obtenção do prazer físico, sem preocupação pelo envolvimento íntimo de partilha psicológica,

¹ Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal. E-mail: a18lopes@hotmail.com.

assim como, uma presença mais significativa de crenças legitimadoras da violência sexual.

Palavras-Chave: pornografia, internet, atitudes sexuais, crenças sobre violência sexual.

Abstract

We carried out a study with a sample of college students and ex-students, in order to verify the existence of internet pornography consumption, as well as the implications this has on the kind of attitudes adopted towards sexuality and on beliefs which legitimize the use of sexual violence. A total of 91 individuals participated in this study, 31 men and 60 women, between the ages of 18 and 53, with an average age of 33.16, and a standard deviation of 8.91. The instruments used were the Sexual Attitudes Scale (SAS), the Sexual Violence Beliefs Scale (SVBS) and a Socio-Demographic Questionnaire. The results revealed that 42.9% of the participants had viewed pornography on the Internet during the last 30 days. When compared with participants who had not viewed pornography, these revealed more permissive attitudes towards casual sexual practices, with less conventionality, and a greater diversity and simultaneity of partners, with the sole aim of obtaining physical pleasure and without concern for an intimate involvement of a psychological nature. There was also a significant difference in the belief in the legitimacy of sexual violence.

Keywords: pornography, internet, sexual attitudes, beliefs about sexual violence.

A internet enquanto sistema global de comunicações implementou uma extensa gama de serviços. A sua comercialização, na década de 1990, resultou na divulgação e incorporação da rede a uma escala internacional em praticamente todos os aspetos da vida humana moderna, incluindo o comportamento sexual (Román, 2000). Segundo o Google, o sexo é a palavra mais procurada nos motores de busca (Cooper, 2004). Igualmente,

a *Economic Times* referiu a pornografia como a fonte mais rentável de receitas geradas na internet (Zaldívar & Díez, 2009).

Estes dados sugerem-nos que o consumo de pornografia através da internet é um aspeto a ter em conta na compreensão da sexualidade humana e na influência que este pode ter nas atitudes e comportamento sexual. Contudo, as investigações realizadas nesta área revelam conclusões contraditórias sobre o impacto da pornografia. Existem estudos que referem efeitos negativos associados ao uso da pornografia, como o desenvolvimento de comportamento aditivo, atitudes e comportamentos de maior permissividade sexual, aceitação de mitos sobre a violência sexual ou impacto negativo nas relações conjugais (ex. Bridges, Bergner, & Hesson-McInnis, 2003; Lo & Wei, 2005; Manning, 2006; Meerkerk, Einjnden, & Garretsen, 2006; Shope, 2004; Wetterneck, Burgess, Short, Smith, & Cervantes, 2012). Por outro lado, outras investigações sugerem efeitos positivos, como o caráter informativo, maior qualidade nos relacionamentos sexuais ou mais atitudes positivas em relação à sexualidade (ex. Hald & Malamuth, 2008; Kutchinsky, 1991; Manning, 2006).

Tendo em conta as possíveis implicações do consumo de pornografia e a aparente discórdia teórica, o entendimento sobre o seu impacto é fundamental na compreensão da sexualidade humana e na influência que este pode ter nas atitudes e no comportamento sexual. No presente trabalho revemos algumas das principais conceções teóricas e investigações realizadas em torno desta temática. Procuramos igualmente, perceber através de um estudo quantitativo, com uma amostra de conveniência, se o consumo de pornografia na internet é algo recorrente e se este pode influenciar os sujeitos ao nível das atitudes face à sexualidade e crenças legitimadoras da violência sexual.

Definição de Pornografia

Ao analisarmos a literatura sobre o tema, verificamos que existe uma grande dificuldade em estabelecer uma definição consensual de pornografia (Ayres & Haddock, 2009; Kingston, Malamuth, Fedoroff, & Marshall, 2009; Manning, 2006). O Dicionário da Língua Portuguesa (2010, p. 1265) refere-a como a “representação de elementos de cariz sexual explícito,

sobretudo quando considerados obscenos, em textos, fotografias, publicações, filmes ou outros suportes”. A pornografia é com frequência descrita como forma desprestigiante de representação sexual artística ou material obsceno, que retrata o homem e a mulher como seres meramente sexuais ou objetos sexuais. Todavia, a definição mais difundida e geradora de maior consenso caracteriza a pornografia como material destinado a produzir excitação sexual (D’Orlando, 2011).

No mundo do entretenimento adulto, o erotismo surge em oposição à pornografia. Flood e Hamilton (2003) distinguiram a pornografia do erótico pela presença de conteúdos explícitos. No entanto, para alguns investigadores as fronteiras nestes dois campos são complexas de definir, existindo circunstâncias históricas, políticas, sociais e culturais, que determinam a variabilidade do que pode ser considerado pornográfico ou erótico num dado momento, para um determinado grupo de pessoas (Viana & Vieira, 2012).

Frequentemente é feita a distinção entre dois tipos principais de pornografia, que se dividem em variadíssimas categorias. O tipo *softcore*, alusivo a imagens de nudez (principalmente feminina), com atividade sexual limitada, implícita, não incluindo a penetração, e o tipo *hardcore*, com imagens de atividade sexual explícita, não simulada, incluindo a penetração (Jensen, 2011). Em Portugal, a Comissão de Classificação de Espetáculos (CCE) classifica como pornográficos os “espetáculos que apresentem, cumulativamente: a) exploração de situações com o objetivo primordial de excitar o espectador; b) baixa qualidade estética”, sendo subcategorizados no 1º escalão (*hardcore*) “os espetáculos que apresentem uma descrição ostensiva e insistente de atos sexuais realmente praticados com exibição dos órgãos genitais” e no 2º escalão (*softcore*), “os espetáculos que apresentem uma descrição ostensiva e insistente de atos sexuais simulados” (Ministério da Cultura e Coordenação Científica, 1983, p. 803).

O presente trabalho distingue o material erótico do pornográfico, considerando erótica a representação implícita ou simulada dos atos sexuais, bem como a nudez dos corpos. De acordo com o conceito frequentemente difundido em investigações ligadas a esta temática, definimos pornografia como qualquer material sexualmente explícito (imagens; fotografias;

vídeo; áudio; jogos; textos e narrativas; *screensavers*; fundos) com exibição dos órgãos genitais e atos sexuais realmente praticados, com o objetivo de criar excitação sexual no espectador (Fisher & Barak, 2001; Kingston, et al., 2009; Reid, Li, Gilliland, Stein, & Fong, 2011; Short, Black, Smith, Wetterneck, & Wells, 2012).

Características da Pornografia Divulgada na Internet

De todos os meios tecnológicos de comunicação, a internet foi considerada crucial para a proliferação da pornografia (Román, 2000). Este meio tornou-se num local atraente para quem procura conteúdos sexuais, nomeadamente pornográficos, isto em boa parte graças a três principais fatores, referidos também como *Triple-A-Engine*, que incluem a acessibilidade (diversidade de conteúdos acessíveis 24 horas por dia), a disponibilidade (multiplicidade de conteúdos gratuitos) e o anonimato (possibilidade de privacidade no consumo e anonimato nas intercomunicações) (Cooper, Delmonico, & Burg, 2000). Este tipo de material está disponível gratuitamente, com poucas ou nenhuma barreira relacionadas com a idade, ou alguma outra forma de discriminação relativas ao usuário (Cooper et al., 2000).

A pornografia divulgada na internet distingue-se da difundida na imprensa escrita e nos vídeos/DVDs nos seguintes aspetos: a) está disponível através de diversas tecnologias e fontes, existindo textos e narrativas, fotografias, vídeo clipes para download, *screensavers*, fundos pornográficos e web câmaras que enviam imagens ao vivo. Tudo isto é frequentemente oferecido num único site; b) o consumo de pornografia é mais interativo, sendo que alguns sites permitem uma interação em tempo real com o sujeito fotografado ou filmado; c) as linhas entre os consumidores e produtores de pornografia são mais ténues na internet, havendo espaço para a produção e troca de material doméstico ou amador a uma escala maior; d) oferece um maior número de géneros e categorias altamente específicas, por vezes consideradas ilegais ou criminalizadas, não tão evidentes nas produções impressas ou em vídeo (Flood & Hamilton, 2003).

Com efeito, a internet juntamente com os avanços tecnológicos de digitalização da informação reinventou a pornografia. Existem inclusive

duas posições conceptuais que diferenciam a pornografia encontrada na internet. Segundo esta divisão a expressão “*pornografia na internet*” refere-se a uma simples transposição da pornografia comercialmente encontrada em revistas, jornais, canais de televisão ou DVDs para a internet. Já os termos *Netporn* ou *Cyberporn*, contrariam este tipo de material mais *mainstream*, distinguindo-se pelas produções amadoras e por um tipo de pornografia mais independente e alternativa (Paasonen, 2010).

Com aparecimento da internet, uma das mudanças mais significativas foi também a disseminação e intensificação de algumas características da estética grotesca, anteriormente presentes em produções mais restritas, agora amplamente encontradas na produção pornográfica virtual. Alguns dos exemplos dessas características presentes na pornografia contemporânea são os *closes* e *super-closes* (imagens que mostram exageradamente os detalhes dos corpos, especialmente os genitais) (J. L. Júnior, 2011).

Como vimos, a internet é um meio favorável e preterido no consumo de pornografia, redefinindo as múltiplas facetas da sexualidade, ao ponto de alguns autores considerarem-na catalisadora da próxima revolução sexual (Cooper et al., 2000).

Alguns Efeitos do Consumo de Pornografia

A investigação sobre os efeitos do consumo de pornografia é geralmente feita sob algumas perspetivas conceptuais ou filosóficas. Malamuth, Addison e Koss (2000) identificaram três principais perspetivas – liberal, moralista e a feminista anti-pornográfica. Nos últimos anos, surgiu uma nova linha de orientação que expressa a preocupação com as implicações que o consumo de pornografia pode trazer para a saúde pública, nomeadamente, a promoção de práticas sexuais com múltiplo parceiros, o recurso à prostituição, sexo sem preservativo, podendo contribuir para a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis ou para a gravidez não planeada (Wright, 2013).

Para Meerkerk et al. (2006) o uso frequente da internet está associado ao consumo de pornografia, e o consumo de pornografia através da internet pode prever um comportamento compulsivo num espaço de um ano. Segundo estes autores, o uso da internet para gratificação sexual é um

fator de risco considerável para o desenvolvimento do comportamento aditivo. Cooper et al. (2000) consideraram que para alguns indivíduos, nomeadamente para os sujeitos que apresentam previamente problemas comportamentais de compulsão sexual ou certas vulnerabilidades psicológicas (Cooper, Putnam, Planchon, & Boies, 1999), o consumo de pornografia através da internet pode tornar-se problemático, enquanto componente da sexualidade impulsiva, compulsiva e aditiva.

Stack, Wasserman e Kern (2004), num estudo sobre o consumo de pornografia através da internet, verificaram uma correlação significativa nas variáveis infelicidade no casamento, adultério e recurso à prostituição. Já Bergner e Bridges (2000), citados por Bridges et al. (2003) consideraram que para maioria das mulheres, a descoberta do consumo de pornografia do parceiro resulta num substancial efeito negativo no relacionamento. Também Zitzman e Butler (2009) e Lambert, Negash, Stillman, Olmstead, e Fincham (2012) verificaram que o uso compulsivo de pornografia, pelo parceiro do sexo masculino, pode resultar no desenvolvimento de um vínculo relacional de falha e enfraquecimento dos relacionamentos de intimidade, sensação de distanciamento e desconexão dos parceiros, decorrente da perceção do uso de pornografia como um comportamento de infidelidade.

Implicações do Consumo de Pornografia no Tipo de Atitudes Sexuais

Segundo Wright (2012), um dos possíveis efeitos do consumo de pornografia é o aumento da propensão para o comportamento sexual permissivo, em virtude da exibição recorrente de cenas de sexo casual. Num estudo realizado a fim de se verificar esta hipótese, o autor constatou que o comportamento de sexo casual não previu o consumo subsequente de pornografia, mas o consumo de pornografia previu mudanças no comportamento sexual, sendo esta associação mais significativa nos sujeitos avaliados como mais infelizes. Numa investigação longitudinal com dados recolhidos entre 1973 e 2010, Wright (2013) verificou uma associação entre o consumo de pornografia e atitudes positivas em relação ao sexo na adolescência, sexo pré-marital e extraconjugal, bem como, com o envolvimento real

em relações sexuais extraconjugais. O autor verificou igualmente, uma associação entre o consumo de pornografia e a multiplicidade de parceiros sexuais e o recurso à prostituição.

Lo e Wei (2005) elaboraram uma investigação sobre a exposição a pornografia na internet em adolescentes tailandeses, pretendendo averiguar se esta se correlacionava com atitudes, crenças e comportamentos permissivos face ao sexo. Os resultados revelaram uma associação entre a exposição de pornografia e atitudes e comportamentos sexuais permissivos, assim como, a exposição de pornografia através da internet teve uma maior correlação com atitudes sexuais permissivas e maior probabilidade de envolvimento em comportamentos sexuais permissivos, quando comparada com a exposição aos meios tradicionais de pornografia. Já anteriormente, Lo et al. (1999) (citados por Lo & Wei, 2005), num estudo com 1585 estudantes universitários tailandeses, concluíram que a exposição a materiais pornográficos foi um preditor significativo de atitudes sexuais permissivas.

Apesar destes dados, existem investigações que sugerem o consumo de pornografia como benéfico, nomeadamente nas relações de intimidade, havendo algumas evidências que este pode influenciar os sujeitos ao nível das atitudes positivas em relação à sexualidade, servindo de plataforma segura através da qual exploram a atividade sexual (Hald & Malamuth, 2008; Mckee, 2007; Rogala & Tyden, 2003). Com base nestas evidências, o uso de pornografia tem servido como técnica nalguns contextos de terapia de casal (Manning, 2006).

Atitudes/Crenças Legitimadoras da Violência Sexual

Algumas pesquisas recentes têm sugerido a existência de uma relação entre atitudes e comportamentos violentos na intimidade. Schumacher, Feldbau-Kohn, Slep e Heyman, (2001), verificaram que adultos e adolescentes que apresentaram maiores níveis de tolerância face ao abuso tenderam a relatar mais atos violentos perpetrados nos seus relacionamentos de intimidade.

Face à violência sexual, as atitudes estão frequentemente associadas à aceitação de mitos sexuais e a papéis estereotipados de género (Muncsh

& Willer, 2012). Existem estudos que sugerem a persistência de uma cultura e socialização masculina que legitima, minimiza ou desculpabiliza a violência sexual, pelo menos, em determinadas circunstâncias, admitindo que as atitudes tradicionais acerca do gênero podem contribuir para esta forma de violência (Muncsh & Willer, 2012). Byers e Eno (1991) verificaram que os homens que sustentam visões tradicionais acerca dos papéis das mulheres têm tendência a adotar comportamentos mais violentos para com as suas parceiras sexuais.

Atualmente, embora pareça que se caminha para uma visão mais igualitária do relacionamento entre homens e mulheres, somos diariamente inundados por mensagens, nomeadamente nos média, que representam a dominância sexual do homem acompanhada pela submissão sexual da mulher (Dines, 2010). A pornografia não foge à regra, e mesmo algumas das práticas sexuais nem sempre aceitas socialmente, guardam implicitamente condutas e ações consideradas moralistas e coniventes com a orientação sexual normativa. Não obstante a principal intenção da pornografia ser a obtenção de prazer por meio da atividade sexual representada e percebida como real, através da manutenção dos estereótipos de gênero (feminino/masculino, passivo/ativo), este tipo de produção tem sido alvo de críticas pelo uso recorrente de temáticas violentas (ex. Boyle, 2010). No entendimento do autor E. B. S. Júnior (2011) isto justifica-se pela necessidade instintiva de humilhar e desvalorizar a mulher, enquanto processo essencial à autoafirmação e estabilidade da identidade masculina heterossexual. Por meio da prática da violência e da transgressão moral, consolida-se fantasiosamente a identidade heterossexual masculina, associada à virilidade e a uma prática sexual compulsiva. Por esta razão, e segundo o mesmo autor, a pornografia é muitas vezes responsabilizada pelo reforço do duplo padrão sexual e de atitudes ou crenças legitimadoras da violência sexual.

Implicações do Consumo de Pornografia ao Nível das Atitudes/Crenças Legitimadoras da Violência Sexual e Comportamentos Sexualmente Agressivos

Em termos do impacto da pornografia, uma das áreas mais estudadas tem sido os efeitos da pornografia sobre as atitudes e o comportamento

sexual dos homens em relação às mulheres, particularmente no que diz respeito à violência sexual. Neste domínio, a investigação empírica sobre o consumo de pornografia é normalmente dividida em estudos experimentais e correlacionais, de acordo com duas dimensões de estudo – atitudes e crenças legitimadoras da violência sexual e comportamentos sexualmente violentos ou sexualmente agressivos (Flood & Hamilton, 2003).

Em relação ao impacto que a exposição a pornografia pode ter ao nível dos comportamentos sexualmente agressivos, a maioria dos estudos experimentais mostraram um reforço significativo da violência sexual e um aumento na agressividade comportamental após a exposição. (ex. Malamuth & Ceniti, 1985; Malamuth & Check, 1984; Malamuth, Heim, & Feshbach, 1980). Os estudos correlacionais apontam, igualmente para uma associação, nomeadamente quando existe um consumo elevado do tipo violento de pornografia concomitante com certas características da personalidade (ex. Malamuth et al., 2000; Vega & Malamuth, 2007).

No que diz respeito às atitudes e crenças, os resultados dos estudos revelaram uma discordância evidente no corpo da literatura. A maioria dos estudos experimentais mostrou um reforço significativo das atitudes/crenças suportativas da violência sexual (ex. Linz, Donnerstein, & Penrod, 1984; Malamuth & Check, 1981; Zillman & Bryant, 1982). Os estudos correlacionais sobre o uso da pornografia na vida quotidiana e as atitudes/crenças suportativas da violência sexual não revelaram, na sua maioria, qualquer associação ou a associação encontrada foi estatisticamente baixa (ex. Garcia, 1946; Linz, Donnerstein, & Penrod, 1988), mesmo aquando da aplicação de técnicas de síntese ou “meta-análise” (ex. Allen, Emmers, Gebhardt, & Giery, 1995; Fisher & Grenier, 1994; Malamuth et al., 2000).

Em 2010, Hald, Malamuth e Yuen conduziram uma meta-análise para verificarem, relativamente aos estudos não experimentais, a existência de associação entre o consumo de pornografia em sujeitos masculinos e atitudes suportativas da violência contra mulheres. Em contraste com as meta-análises anteriores, os resultados deste estudo mostraram uma associação positiva entre o uso global de pornografia e atitudes suportativas da violência contra mulheres. Além disso, tais atitudes estavam significativamente mais correlacionadas com o uso de pornografia sexualmente

violenta. Segundo os mesmos autores, este estudo resolveu o que parecia ser uma discordância preocupante na literatura sobre a pornografia e as atitudes agressivas, mostrando que as conclusões dos estudos não experimentais na área são consistentes com as encontradas nos estudos experimentais.

Para Malamuth et al. (2000), quando se estudam os efeitos do consumo de pornografia é necessário considerar como importantes variáveis moderadoras a cultura e o meio ambiente dos sujeitos, o ambiente familiar, características e predisposições da personalidade, o conteúdo específico dos estímulos, o atual estado emocional temporário da pessoa e o ambiente em que a exposição ocorreu. Os mesmos autores consideraram ainda particularmente relevante, as características de personalidade, uma vez que os sujeitos com pontuações elevadas em medidas que avaliam aspectos da personalidade associados ao risco de violência ou da agressão sexual, tais como a hostilidade, insensibilidade, falta de empatia ou impulsividade, mostraram efeitos negativos mais pronunciados à exposição a certos materiais sexualmente explícitos, particularmente aqueles que combinam o sexo e a violência.

Objetivos do Estudo

Atendendo a estes dados, nomeadamente à frequência do uso da internet no nosso país (ACEPI, 2012) e o potencial consumo de pornografia que isso pode implicar (ex. Meerkerk et al., 2006), temos como objetivos verificar se existe consumo de pornografia através da internet, numa amostra de estudantes universitários, bem como, se esse consumo se relaciona ou não com o tipo de atitudes face à sexualidade e crenças legitimadoras da violência sexual, tendo em conta as variáveis moderadoras sexo, idade, estado civil, religião, frequência do consumo, tipo e sub-tipo de pornografia consumida.

Método

Participantes

A metodologia quantitativa adotada envolveu a construção de uma amostra de conveniência. Esta amostra foi composta por 91 sujeitos, dos quais 34.1% eram homens e 65.9% eram mulheres, com idades compreendidas entre os 18 e os 53 anos, sendo a média de idades 33.16 e o desvio padrão de 8.91. Na sua maioria, os participantes são estudantes (75.8%), dos quais 30.8% são só estudantes e 45.05% são trabalhadores estudantes. Nesta amostra, dos 91 sujeitos que responderam na íntegra ao questionário sociodemográfico, apenas 88 sujeitos completaram a Escala de Atitudes Sexuais (EAS; Alferes, 1999) e 86 a Escala de Crenças sobre a Violência Sexual (ECVS; Martins, Machado, Abrunhosa, & Manita, 2012).

Instrumentos

Foram utilizados três instrumentos: o questionário sociodemográfico, elaborado para o efeito, a adaptação portuguesa realizada por Alferes (1999) da Escala de Atitudes Sexuais (EAS), de Hendrick & Hendrick (1987) e a Escala de Crenças sobre a Violência Sexual (ECVS) adaptada e aferida por Martins, Machado, Abrunhosa e Manita (2012) a partir da Escala de Crenças sobre Violação (ECV), de Matos, Machado, e Gonçalves (2000).

Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico, elaborado para o presente estudo, foi constituído por 13 questões. As primeiras nove questões permitiram caracterizar os sujeitos quanto ao sexo, idade, estatuto académico, habilitações literárias, estado civil, religião a que pertencem e se são, ou não, praticantes. Interessa-nos saber em que medida este tipo de variáveis pode interferir no consumo de pornografia, à semelhança do que se verificou em investigações anteriormente realizadas (ex. Albrigh, 2008; Baltazar, Helm, MacBride, Hopkins, & Stevens, 2010; Collins et al., 2004; Cooper et al., 2000; Cooper, 2004; Levert, 2007; Lo & Wei, 2002; Stack et al., 2004). As últimas quatro questões pretendem caracterizar os sujeitos quanto ao consumo de pornografia, nomeadamente se visualizaram pornografia na

internet nos últimos 30 dias, a frequência com que o fizeram (em horas por semana), o tipo e o sub-tipo de pornografia que costumam aceder. Atendendo às críticas sobre procedimentos e metodologia utilizados em investigações sobre o uso da pornografia na internet, foi fornecido aos participantes a definição do que consideramos pornografia, quanto ao conteúdo, modo de visualização e função/razão do uso (Fisher & Barak, 2001; Short et al., 2012). Na categorização dos tipos e sub-tipos de pornografia, optamos pelos tipos vulgarmente mais procurados, o hardcore e softcore, bem como, por alguns dos sub-tipos (dada a quantidades exagerada neste domínio) mais acedidos na internet (Flood & Hamilton, 2003).

Escala de Atitudes Sexuais (EAS) de Hendrick e Hendrick (1987) – adaptação portuguesa de Alferes (1999)

A EAS é uma escala do tipo Likert, constituída por 43 itens, cotados de 1 (completamente em desacordo) a 5 (completamente de acordo), à exceção dos itens 19, 29 e 21 nos quais a cotação é invertida (1=completamente de acordo; 2=parcialmente de acordo; 3=não sei/nem concordo nem discordo; 4=parcialmente em desacordo e 5=completamente em desacordo).

Da análise fatorial realizada pela adaptação portuguesa (Alferes, 1999), resultaram cinco dimensões fatoriais: permissividade sexual (itens 1, 3, 5, 7, 9, 11, 15, 17, 27, 29, 37 e 39) refere-se a atitudes concordantes face ao sexo ocasional, sexo sem compromisso e à diversidade e simultaneidade de parceiros; comunhão (itens 4, 10, 16, 20, 22, 25, 26, 30, 36, 38 e 42) refere-se a atitudes relativamente ao sexo como uma experiência sublime de intimidade física e psicológica; prazer físico (itens 6, 12, 18, 31, 32, 40 e 43) refere-se a atitudes face ao sexo enquanto atividade destinada essencialmente à obtenção de prazer físico; responsabilidade sexual (itens 2, 8, 14 e 28) refere-se à responsabilidade face ao planeamento familiar e à importância da educação sexual; e sexo impessoal (itens 13, 19, 21, 23, 24, 33, 34, 35 e 41) refere-se a atitudes face ao sexo como mercadoria. O objetivo desta escala é avaliar as seguintes dimensões atitudinais: permissividade sexual, comunhão, prazer físico, responsabilidade sexual e sexo impessoal.

A percentagem explicada da variabilidade total é de 36.3%, e 14.8%, 8.3%, 5.5%, 4% e 3.7% para os respetivos cinco fatores. Após a rotação Varimax, as contribuições proporcionais dos cinco fatores para a variância explicada são, respetivamente, 30.2%, 21.8%, 18.3%, 12.8% e 17%. Tendo em conta a consistência interna, o valor do alfa de cronbach para o total da escala é de 0.83, e para as dimensões permissividade sexual 0.83, comunhão 0.71, prazer físico 0.65, sexo impessoal 0.58 e responsabilidade sexual 0.53.

A escala pode ser administrada individualmente ou em grupo, sem tempo limite, e é cotada fatorialmente, através da soma da pontuação dos itens que integram cada fator (Alferes, 1999, 2002).

Escala de Crenças sobre a Violência Sexual (ECVS)

A ECVS mede o grau de tolerância/aceitação dos sujeitos quanto ao uso de violência de natureza sexual. A ECVS foi construída a partir da Escala de Crenças sobre a Violação (ECV), de Matos et al., (2000), elaborada a partir da observação clínica de vítimas de violação, de violadores e da revisão da literatura sobre mitos, crenças culturais e estratégias cognitivas de legitimação da agressão sexual.

O processo de construção da ECVS passou por dois estudos de análise das qualidades psicométricas, o primeiro com uma amostra de conveniência composta por 700 alunos do ensino superior da região norte do país, com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, obtendo-se um consistência interna, avaliada através do coeficiente de alfa de cronbach de 0.90. No segundo estudo, que conduziu à versão definitiva da escala, a amostra foi alargada para uma amostra representativa de estudantes do ensino superior, residentes em Portugal Continental, com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos de idade. Neste estudo obteve-se um coeficiente de alfa de cronbach de 0.91. Ambos os resultados revelaram um grau de consistência interna elevado. A versão final da escala é composta por 30 itens, apresentados com uma escala de resposta de cinco pontos (desde 1=discordo totalmente até 5=concordo totalmente). Os itens apresentam uma correlação com a pontuação total da escala que varia entre 0.39 e 0.79.

Na análise da estrutura fatorial dos resultados, optou-se pela análise da ECVS em componentes principais com rotação Varimax. Os resultados apontam para a existência de cinco fatores que, no seu conjunto, explicam 48.60% da variância dos resultados no primeiro estudo e 48.89% no segundo. O fator 1, representação estereotipada da violação, explica 14.19% da variância comum, refere-se a um conjunto de crenças que legitimam ou minimizam a violência sexual mediante a existência de um passado sexual comum entre a vítima e o agressor e a ausência de violência física durante a prática do ato sexual. O fator 2, provocação da vítima, explica 10.79% da variância comum, refere-se à noção de que a violência sexual poderá ser justificada em função de certas condutas da vítima, como a presença de um comportamento prévio sexualmente provocatório ou um passado promiscuo. O fator 3, consentimento da vítima, explica 9.07% da variância comum, integra um conjunto de crenças que legitimam a violência sexual com base na ideia de que a vítima consente ou induz a relação sexual, desejando-a e sentindo prazer com a mesma. O fator 4, falsa noção de invulnerabilidade pessoal, explica 7.58% da variância comum, engloba um conjunto de crenças que legitimam ou minimizam a violência sexual mediante a ideia de que os agressores e as vítimas deste tipo de violência possuem características que os tornam diferentes do resto da população, criando a noção de falsa invulnerabilidade. O fator 5, falsas alegações, explica 7.25% da variância comum, refere-se à crença de que a violência pode ser minimizada ou desvalorizada mediante a negação da ocorrência da violência sexual e/ou interpretações de que as queixas constituem sinais de arrependimento pós-facto ou ato de vingança.

As análises estatísticas efetuadas às escalas da ECVS revelaram valores de adequação para o índice de Kaiser-Meyer-Olkin (de .92 no primeiro estudo e de .93 no segundo). O teste de esfericidade de Bartlett também apresentou valores adequados em ambos os estudos (nomeadamente $\chi^2 = 6591.634$; $gl=435$; $p < .001$ no que se refere ao primeiro e $\chi^2 = 9433.568$; $gl=435$; $p < .001$ no segundo).

Na sua aplicação, a escala pode ser administrada individualmente ou em grupo, sem tempo limite. Os itens são cotados de um a cinco e, uma vez que estão todos formulados no mesmo sentido, a pontuação total da

escala é obtida pelo somatório direto das respostas a cada um dos itens. Pode ainda ser calculada a nota para cada fator, pela soma da pontuação dos itens que o integram. A pontuação total da escala mede o grau de tolerância/aceitação do sujeito quanto ao uso da violência sexual. A pontuação em cada um dos fatores permite-nos perceber melhor o tipo de crenças específicas envolvidas nesta tolerância à violência (Martins, 2012; Martins et al., 2012).

Procedimentos

Na aplicação dos instrumentos, escolheu-se a via online, com recurso ao programa SurveyMonkey. A utilização deste servidor permitiu garantir a confidencialidade dos dados (através do armazenamento da informação numa plataforma acessível apenas ao administrador da respetiva conta criada no servidor) e o anonimato dos participantes, uma vez que foi possível optar pela não divulgação do IP. Esta via foi escolhida tendo em conta algumas indicações presentes na literatura que sugerem que em investigações, como no presente trabalho, onde são solicitados dados pessoais relativos a experiências íntimas, que envolvam o comportamento sexual, atitudes e crenças que possam colidir com as convenções culturais e sociais, inclusive representarem condutas legalmente puníveis, a revelação pode ser inibida pelo receio de estigma e vivências vergonhosas (Abbey, Parkhill, BeShears, Clinton-Sherrod, & Zawacki 2006; Frazier, 2003). Deste modo, como meio de vencer alguns constrangimentos inibidores da revelação, alguns autores têm defendido a vantagem de se introduzirem métodos de investigação informatizados, através do envio dos questionário via email ou introdução dos mesmos na internet, em plataformas protegidas, de forma a promover a autoadministração num ambiente privado (Abbey et al., 2006; Testa, VanZile-Tamsen, Livingston, & Koss, 2004).

Para a passagem dos questionários, contactou-se a Universidade Autónoma de Lisboa, na pessoa do Diretor da Administração Escolar, informando-se os objetivos da investigação, bem como, a garantia da confidencialidade dos dados e anonimatos dos participantes. A investigação foi autorizada, contudo, limitada aos alunos e ex-alunos do Departamento de Psicologia e Sociologia, dado a sensibilidade dos conteúdos analisados.

Como forma de estimular a participação e evitar futuras desistências durante o preenchimento dos questionários, foram feitas várias apresentações presenciais da investigação, que duraram cerca de 10 minutos, nas turmas do 1º, 2º e 3º anos da licenciatura em Psicologia e 1º e 2º ano dos mestrados nas áreas da Psicologia. Após estas diligências, o Departamento de Psicologia e Sociologia enviou 360 emails, com um link, para o preenchimento do questionário via online.

Resultados

Atendendo ao nosso primeiro objetivo – verificar se existe consumo de pornografia através da internet – observamos (figura 1) que um número maior de participantes responderam não ter visto pornografia na internet nos últimos 30 dias (57.1%), comparativamente com os que referiram ter visto (42.9%).

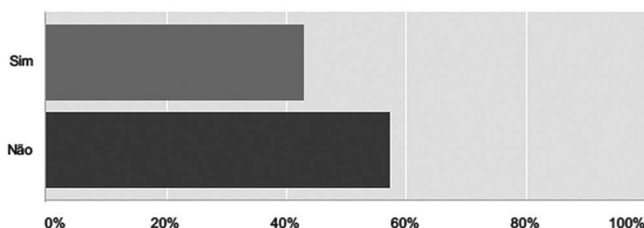


Figura 1- Distribuição dos Participantes em Termos de Visualização de Pornografia na Internet nos Últimos 30 Dias.

Na seleção dos testes mais adequados a utilizar nas análises posteriores foi analisada a normalidade das dimensões da EAS e da ECVS. Com a finalidade de averiguar se as dimensões em estudo seguem a distribuição normal, utilizou-se o teste Kolmogorov-Smirnov, sendo os resultados apresentados na Tabela 1.

Tabela 1*Normalidade das Dimensões em Estudo.*

	Kolmogorov- -Smirnov	p
EAS		
Permissividade sexual	1.091	.185
Comunhão	.958	.317
Prazer físico	.787	.566
Sexo impessoal	.946	.333
Responsabilidade sexual	3.960	.000
ECVS		
Representação estereotipada da violação	2.232	.000
Provocação da vítima	1.860	.002
Consentimento da vítima	.994	.276
Falsa noção de invulnerabilidade	2.437	.000
Falsas alegações	1.339	.005

Como várias das dimensões estudadas não seguem a distribuição normal ($p < .05$), optou-se pela utilização de testes não paramétricos.

Com o objetivo de se verificar se o consumo de pornografia se relaciona ou não com o tipo de atitudes face à sexualidade e crenças legitimadoras da violência sexual, compararam-se os resultados da EAS e da ECVS entre os participantes que visualizaram pornografia na internet nos últimos 30 dias e os que não visualizaram. Para o efeito foi utilizado teste de Mann-Whitney. Os resultados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2

Diferenças Entre os Participantes que Visualizaram ou Não Pornografia na Internet nos Últimos 30 Dias, ao Nível dos Resultados na EAS e ECVS.

	Não visualiza- ram (N=52)	Visualizaram (N=39)	z
	M Rank	M Rank	
EAS			
Permissividade sexual	34.65	57.46	-4.151***
Comunhão	47.21	40.93	-1.146
Prazer físico	38.87	51.91	-2.376*
Sexo impessoal	33.77	58.62	-4.527***
Responsabilidade sexual	44.78	44.13	-.155
ECVS			
Representação estereotipada da violação	43.18	3.94	-.144
Provocação da vítima	38.98	49.78	-1.999*
Consentimento da vítima	37.87	51.32	-2.476*
Falsa noção de invulnerabilidade	38.63	50.26	-2.204*
Falsas alegações	44.71	41.82	-.534

* $p \leq .05$; *** $p \leq .001$.

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os participantes que visualizaram e não visualizaram pornografia na internet nos últimos 30 dias nas subescalas da EAS permissividade sexual ($Z = -4.151$; $p < .001$), prazer físico ($Z = -2.376$; $p = .017$), sexo impessoal ($Z = -4.527$; $p < .001$), bem como, nas subescalas da ECVS provocação da vítima ($Z = -1.999$; $p = .017$), consentimento da vítima ($Z = -2.476$; $p = .013$) e falsa noção de invulnerabilidade ($Z = -2.204$; $p = .028$). Os resultados mostraram que os valores destas dimensões são superiores nos participantes que visualizaram pornografia na internet nos últimos 30 dias.

Com o objetivo de se verificar se existem diferenças entre os participantes que visualizaram pornografia na internet nos últimos 30 dias e os participantes que não visualizaram, tendo em conta as variáveis moderadoras sexo, grupos etários, estado civil, religião e sua prática foi utilizado o teste Qui-quadrado. A Tabela 3 mostra os resultados obtidos.

Tabela 3

Diferenças Entre os Participantes que Visualizaram ou Não Pornografia na Internet nos Últimos 30 Dias em Termos do Sexo, Grupos Etários, Estado Civil, Religião e Sua Prática.

	Não visualizaram (N=52)		Visualizaram (N=39)		χ^2
	N	%	N	%	
Sexo					18.852***
Masculino	8	15.4	23	59.0	
Feminino	44	84.6	16	41.0	
Grupos etários					3.056
Menos de 21 anos	1	1.9	3	7.7	
Entre 21 e 31 anos	22	42.3	20	51.3	
Mais de 31 anos	29	55.8	16	41.0	
Estado civil					3.731
Casado	14	26.9	8	20.5	
Divorciado	4	7.7	5	12.8	
Separado			1	2.6	
Solteiro	29	55.8	20	51.3	
União de facto	4	7.7	5	12.8	
Viúvo	1	1.9			
Religião					3.080
Católica	39	75.0	27	69.2	
Outra cristã			2	5.1	
Protestante	5	9.6	5	12.8	
Sem religião	8	15.4	5	12.8	
Praticante					.038
Não	35	67.3	27	69.2	
Sim	17	32.7	12	30.8	

*** $p \leq .001$.

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os participantes que visualizaram ou não pornografia na internet nos últimos 30 dias apenas para o sexo com $\chi^2 (1) = 18.852$; $p < .001$. Os resultados mostram que mais homens do que mulheres viram pornografia neste período. Verificou-se, igualmente, que entre os participantes que visualizaram

pornografia, a maioria são homens, do escalão etário entre os 21 e os 31 anos, com estado civil solteiro, da religião católica e não praticantes.

Segundo a literatura revista, a idade pode estar associada a um maior consumo de pornografia. Alguns estudos revelaram maiores níveis de consumo em adolescentes e jovens adultos (Cooper, Morahan-Martin, Mathy, & Maheu, 2002; Cooper, 2004; Gallespie, 2008; Quayle & Taylor, 2001), em parte justificada pela curiosidade e necessidade de informação típicas destas idades, mas também com um maior número de horas que estes sujeitos passam na internet, uma vez que o consumo de pornografia tem uma correlação positiva com o uso de internet (Meerkerk et al., 2006). Neste sentido, para verificar se existe relação entre a idade, o número de horas por semana em que os participantes viram pornografia na internet nos últimos 30 dias e todas as subescalas das duas medidas em estudo (EAS e ECVS), foi utilizado o coeficiente de correlação de Spearman. A Tabela 4 mostra os resultados obtidos.

Tabela 4
Correlação com a Idade.

	Idade
Número de h/semana	-.12
EAS	
Permissividade Sexual	-.15
Comunhão	-.15
Prazer Físico	-.36***
Sexo Impessoal	-.11
Responsabilidade Sexual	-.03
ECVS	
Representação Estereotipada da Violação	.04
Provocação da Vítima	-.17
Consentimento da Vítima	-.14
Falsa Noção de Invulnerabilidade	-.08
Falsas Alegações	-.08

*** $p \leq .001$.

A idade não se correlacionou de forma estatisticamente significativa com o número de h/semana que os participantes viram pornografia na internet nos últimos 30 dias ($p>.05$). No entanto, a idade correlacionou-se de forma negativa, moderada e estatisticamente significativa como prazer físico, mostrando que quanto mais novos maior é o valor desta dimensão da EAS.

Relativamente à distribuição em termos de frequência de consumo entre os participantes que visualizaram pornografia na internet nos últimos 30 dias, esta pode ser observada na Figura 2.

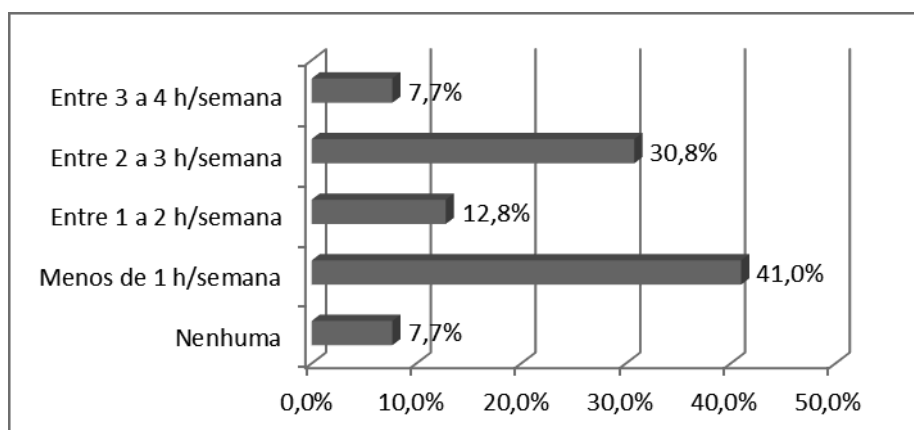


Figura 2 – Distribuição em Termos de Frequência de Consumo de Pornografia.

Os dados mostram-nos que a grande maioria dos participantes que viram pornografia na internet relataram ter visto menos de 1 hora por semana (41.0%) ou entre 2 a 3 horas por semana (30.8%).

Em termos de distribuição do tipo de pornografia preferida, a Figura 3 mostra-nos que a maioria dos participantes que visualizou pornografia na internet nos últimos 30 dias prefere o tipo hardcore (59%).

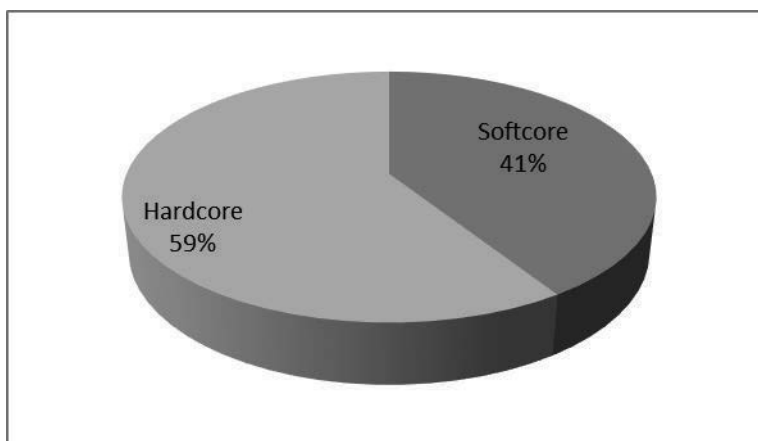


Figura 3 – Distribuição em Termos do Tipo de pornografia Preferida.

A Figura 4 mostra, entre os participantes que visualizaram pornografia na internet nos últimos 30 dias, a distribuição em termos do subtipo de pornografia preferida.

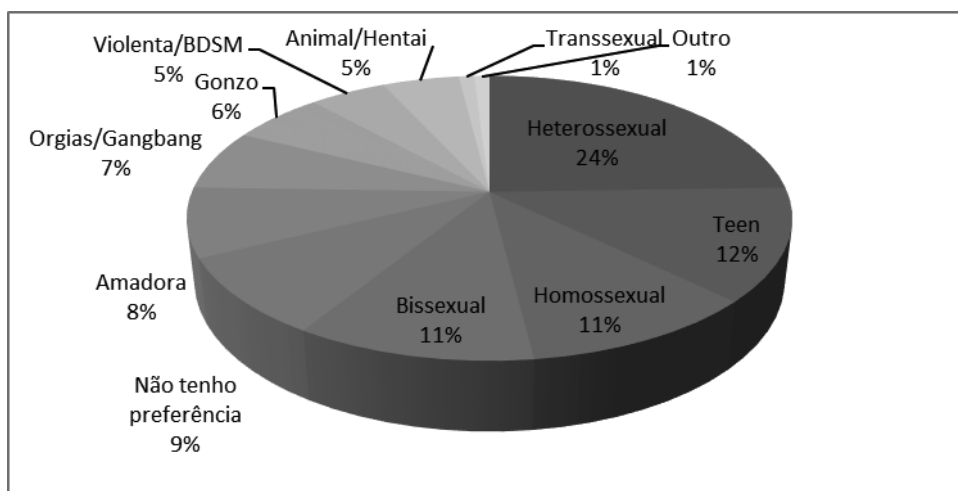


Figura 4 – Distribuição em Termos do Subtipo de Pornografia Preferida

Pelo que podemos observar, os participantes preferem em primeiro lugar o subtipo de pornografia heterossexual (24%), em segundo o subtipo

teen (12%) e em terceiro lugar, em exéquo, o subtipo homossexual (11%) e bissexual (11%).

Discussão

Os resultados permitiram-nos, responder aos objetivos delineados. Concluímos, que a maioria dos participantes (57.1%) não visualizou pornografia na internet nos últimos 30 dias, sendo que dos participantes que visualizam (42.9%) 74.2% eram homens. Atendendo que a amostra é maioritariamente feminina (65.9%), estes valores vão ao encontro dos resultados presentes na literatura revista. Referimo-nos sobretudo aos dados obtidos nas investigações de Cooper et al. (2000), que indicam uma prevalência de 84.2% para os homens versus 15.8% para as mulheres, relativamente ao consumo de pornografia.

Embora não tenham sido encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os participantes que visualizaram pornografia na internet nos últimos 30 dias, e os participantes que não visualizaram, ao nível dos grupos etários, estado civil, religião e sua prática, tal como em Cooper et al. (2002), foi possível extrairmos uma descrição dos sujeitos que, na nossa amostra, visualizaram pornografia na internet. Assim, estes sujeitos na sua maioria são homens, do escalão etário entre os 21 e os 31 anos, do estado civil solteiro, da religião católica mas não praticantes. Tal como Cooper et al. (2002), verificamos que os consumidores de pornografia na internet tendem a ser novos.

Atendendo à nossa questão em estudo, observou-se que os participantes que visualizaram pornografia na internet nos últimos 30 dias apresentaram valores superiores nas subescalas da EAS, permissividade sexual ($Z = -4.151$; $p < .001$), prazer físico ($Z = -2.376$; $p = .017$) e sexo impessoal ($Z = -4.527$; $p < .001$), que se referem a atitudes concordantes com o sexo ocasional, sexo sem compromisso e à diversidade e simultaneidade de parceiros, bem como a atitudes face ao sexo enquanto atividade destinada essencialmente à obtenção de prazer físico, mercadoria ou bem material. Alguns estudos (ex. Carroll, Padilla-Walker, Nelson, Olson, & Madsen, 2008; Lo & Wei, 2005; Stack et al., 2004; Wright, 2012, 2013) revelaram uma

associação entre a exposição a pornografia, através da internet, e atitudes sexuais permissivas, nomeadamente em relação a práticas sexuais ocasionais, de menor convencionalidade, com diversidade e simultaneidade de parceiros, visando somente a obtenção do prazer físico, sem preocupação pelo envolvimento íntimo de partilha psicológica. Este tipo de atitudes tende a minimizar a importância da intimidade, do amor, do afeto e do vínculo amoroso.

No que respeita à ECVS, os sujeitos que visualizaram pornografia na internet nos últimos 30 dias apresentaram valores mais elevados nas subescalas provocação da vítima ($Z = -1.999$; $p < .017$), consentimento da vítima ($Z = -2.476$; $p < .013$) e falsa noção de invulnerabilidade ($Z = -2.204$; $p < .028$). Estas subescalas englobam um conjunto de crenças e ideias que se referem à noção de que a violência sexual poderá ser justificada em função de certas condutas da vítima, como a presença de um comportamento prévio sexualmente provocatório ou um passado promiscuo, no que respeita à sua exposição a situações de risco; a um conjunto de crenças que legitimam a violência sexual com base na ideia de que a vítima consente ou induz a relação sexual, desejando-a e sentindo prazer com a mesma ou a ideia de que os agressores e as vítimas deste tipo de violência possuem características que os tornam diferentes do resto da população, criando a noção de falsa invulnerabilidade. Alguns autores sugeriram que aspetos da cultura e da socialização, nomeadamente no que diz respeito a atitudes tradicionais acerca do género, inscritas nos scripts sexuais, possam legitimar ou desculpabilizar a agressão sexual, à luz da pressuposição de que a iniciativa e pressão masculina em matéria sexual faz parte da interação normal entre homens e mulheres (Geiger, Fischer, & Eshet, 2004; Munsch & Willer, 2012; Ramos, Carvalho, & Leal, 2005).

Os homens, comparativamente com as mulheres têm maior probabilidade de apropriar mitos ou crenças que justifiquem ou legitimam a agressão sexual (Carr & Van Deusen, 2004), bem como, presumir que as mulheres não devem demonstrar interesse sexual, devendo antes, expressar resistência às insistências sexuais masculinas, evitando no futuro serem responsabilizadas pela sua própria vitimização (Geiger et al., 2004). Há, de resto, vários estudos que comprovam que, quanto maior for a adesão a es-

tes scripts, maior é a probabilidade de ocorrer violência sexual (Anderson, Simpson-Taylor, & Herrman, 2004; Baumeister et al., 2002). Na literatura revista, autores como Allen et al. (1995), Carr e Van Deusen (2004), Geiger et al. (2004), Hald et al. (2010), Zillman e Bryant (1982), verificaram que a exposição continuada a pornografia, nomeadamente do tipo violento, originou crenças legitimadoras da violência sexual, particularmente: menor sensibilidade a questões de igualdade sexual, atitudes menos punitivas em relação a notícias sobre agressões sexuais e ativação de pensamentos recorrentes e distorcidos sobre promiscuidade feminina.

Por último, verificamos que nos participantes que visualizaram pornografia na internet nos últimos 30 dias, a idade correlacionou-se de forma negativa, moderada e estatisticamente significativa com a subescala prazer físico, mostrando que quanto mais novos os participantes, maior o valor obtido nesta dimensão da EAS, que se refere a atitudes face ao sexo enquanto atividade destinada essencialmente à obtenção de prazer físico. Este resultado pode estar relacionado com uma maior vulnerabilidade à influência da pornografia verificada nestas faixas etárias, intensificada pela frequência dedicada ao consumo, também mais elevada entre jovens (ex. Cooper et al., 2000; Cooper, 2004; Gallespie, 2008; Quayle & Taylor, 2001) ou dificuldade em comprometer-se numa relação de intimidade (imaturidade afetiva).

Conclusões

Desde o início dos anos 70 que se efetuaram variadíssimas investigações sobre os possíveis efeitos advindo do consumo de pornografia, ao nível das atitudes e comportamento sexual. Alguns destes estudos têm sido alvo de críticas por ambiguidade nas definições do constructo avaliado, conclusões abusivas e generalizações a partir de correlações baixas entre as variáveis (Mould, 1988). Em 2001, Fisher e Barak verificaram existir diferenças fundamentais na definição de pornografia, nas investigações sobre o consumo deste tipo de material, nomeadamente através da internet. Além disso, os autores alertaram para o facto de uma grande parte destas investigações não incluir uma definição operacionalizada quanto ao conteúdo, modo e função do consumo, assim como, não fornecer essa defi-

nição aos participantes, deixando ao entendimento subjetivo o conceito de pornografia. Atendendo à variedade de conteúdo, ao modo de visualização e razões que levam ao consumo de pornografia na internet, a ausência de uma definição operacionalizada conduz a uma inconsistência e falta de clareza do constructo avaliado (Fisher & Barak, 2001; Short et al., 2012). Para Short et al. (2012) outra inconsistência encontrada foi a diversidade de métodos usados para estudar variáveis semelhantes. Os autores referiram que o consumo de pornografia na internet foi medido de diferentes formas, consoante os estudos (ex. frequência de uso, tempo de uso, usar versus não usar), considerando que sem medidas estabelecidas é difícil desenvolver normas na população para o uso de pornografia na internet, um pré-requisito para a distinção entre o uso normal e desviante. Short et al. (2012) consideraram igualmente ser necessário o desenvolvimento de medidas mais abrangentes, com propriedades psicométricas e definições padronizadas e operacionalizadas. Acrescenta-se a estas considerações o facto de, em algumas investigações, os resultados confirmarem a base conceptual e convicções defendidas pelos autores, bem como, as defendidas pelas entidades que financiaram os respetivos estudos (Mould, 1988; Pringle, 2011).

No presente trabalho tivemos o cuidado de estabelecer, à partida, uma definição do conceito de pornografia encontrada na internet, igualmente fornecida aos participantes, procurando desta forma, uma maior consistência no constructo avaliado.

De uma forma geral, os dados empíricos sugerem que o consumo de pornografia pode trazer implicações, quer positivas ou negativas, para os utilizadores (ex. Bridges et al., 2003; Cooper et al., 1999, 2000; Hald et al., 2010; Hald & Malamuth, 2008; Kutchinsky, 1991; Lambert et al., 2012; Lo & Wei, 2005; Meerkerk et al., 2006; Rogala & Tyden, 2003; Stack et al., 2004; Wright, 2012, 2013; Zitzman & Butler, 2009). Ao nível das atitudes sexuais e crenças legitimadoras da violência sexual, a pornografia, nomeadamente a difundida pela internet, pode exercer alguma influência nos indivíduos que conjugam determinadas características e predisposições da personalidade com variáveis como a cultura e o meio ambiente, o ambiente familiar, o conteúdo específico dos estímulos, o atual estado emocional

temporário do sujeito e o ambiente em que a exposição ocorreu, aumentando a probabilidade dessas atitudes e crenças se manifestarem ao nível dos comportamentos sexuais (Malamuth et al., 2000; Kingston et al., 2009; Vega & Malamuth, 2007). Contudo, esta hipótese, no nosso entendimento não foi suficientemente testada dado a dificuldade em conjugar todas as variáveis envolvidas no consumo de pornografia que permitem compreender os antecedentes e consequências deste comportamento.

Tal como Malamuth et al. (2000) consideraram, achamos que na compreensão e avaliação dos efeitos do consumo de pornografia existe um complexo conjunto de fatores individuais, culturais e ambientais que têm sido negligenciados. Existem igualmente, como já referimos, limitações nas medidas e instrumentos utilizados que fragilizaram os resultados de algumas investigações (Short et al., 2012). Porém, todo conhecimento empírico adquirido, em virtude destes trabalhos, leva-nos a concluir que o consumo de pornografia traz implicações para alguns utilizadores, pelo menos em determinadas circunstâncias, particularmente ao nível das atitudes e crenças, embora ainda não seja totalmente conhecido ou compreendido, em que medida e circunstâncias se revelam estes efeitos.

No presente estudo, com base na questão de partida e nos resultados, observou-se que os sujeitos que visualizaram pornografia na internet nos últimos 30 dias apresentaram valores mais altos na ECVS e nas subescalas permissividade sexual, prazer físico e sexo impessoal da EAS. Ou seja, nestes sujeitos encontramos atitudes mais permissivas em relação a práticas sexuais ocasionais, de menor convencionalidade, com diversidade e simultaneidade de parceiros, visando somente a obtenção do prazer físico, sem preocupação pelo envolvimento íntimo de partilha psicológica, assim como, uma presença mais significativa de crenças legitimadoras da violência sexual.

Apesar dos nossos resultados, não podemos perder de vista que estes dados se referem apenas a uma associação estatisticamente significativa e não a uma causalidade direta entre o ver pornografia na internet e valores elevados na EAS e ECVS. Embora não seja possível a generalização dos resultados pela falta de representatividade da amostra, bem como de um conjunto mais abrangente de variáveis que medeiam o consumo

de pornografia e os efeitos ao nível das atitudes e crenças, os nossos resultados encontram correspondência nos estudos internacionais, com metodologias mais abrangentes e amostras mais significativas (ex. Hald et al., 2010; Lo & Wei, 2005; Malamuth & Check, 1981; Wright, 2012). Desta forma, acreditamos que o nosso trabalho contribuiu positivamente com o lançamento de um tema sensível (consumo de pornografia na internet) pouco debatido, mas pertinente e atual, uma vez que se estima que afete uma parte significativa da população, envolvendo uma realidade inserida num núcleo importante das nossas vidas – o comportamento sexual. Concretamente para a academia, contribuímos com uma compilação de dados relevantes, alguns muito recentes, bem como com uma investigação que, embora com evidentes limitações, tem a importância de se reportar a resultados nacionais.

Consideramos, igualmente, que a nível nacional, atendendo a um crescimento de 14% nos últimos 2 anos de utilizadores de internet (ACEPI, 2012), é pertinente, se não urgente, repensar o consumo de pornografia, agora transfigurada pelo advento da virtualidade multimédia, e implica-lo em contextos nos quais este se afirma cada vez mais preponderante. A título de exemplo, referimos o contexto clínico, tendo em conta as considerações de alguns autores de estudos internacionais, que sugerem que para alguns indivíduos o consumo de pornografia através da internet pode tornar-se problemático, enquanto componente da sexualidade impulsiva, compulsiva e aditiva (Cooper et al., 2000; Meerkerk et al., 2006; Wetterneck et al., 2012). Ainda neste contexto, enquanto técnica de intervenção, o uso de pornografia em terapias sexuais ou de casal (Manning, 2006) pode ser aperfeiçoado tirando partido das inovações tecnológicas que lhe conferem maior realismo e interatividade. Outros contextos, como o da vitimização ou da agressão revelam-nos taxas de incidência preocupantes. Em 2013, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou um total de 8.982 autores de crime (82,3% do sexo masculino) e 8.733 vítimas diretas apoiadas (82,8% do sexo feminino). As estatísticas de 2013 revelaram igualmente um total de 17.384 crimes de violência doméstica, representando 84,2% do total de crimes relatados pelas vítimas e 2.544 crimes contra as pessoas, dos quais 258 foram crimes sexuais (APAV, 2013). Tendo em

conta os resultados do nosso estudo, bem como os resultados de alguns estudos internacionais (ex. Hald et al., 2010; Lo & Wei, 2005; Malamuth & Check, 1981; Wright, 2012), a pornografia, especialmente a divulgada pela internet, pode reforçar a aceitação de papéis estereotipados de género e de mitos sexuais, influenciando atitudes e comportamentos sexuais de maior violência nalguns indivíduos. A este nível, seria necessário ponderar o consumo de pornografia como um fator de risco, nomeadamente de reincidência no caso dos crimes sexuais (ex. Kingston et al., 2008, 2009) e implica-lo em programas de intervenção com agressores sexuais. Consequentemente, seria importante considerar que o impacto do consumo de pornografia, especialmente em indivíduos com uma predisposição para a agressão sexual, pode ser igualmente abordado em ambiente terapêutico (Kingston et al., 2009).

Para além destes factos seria relevante verificar se, tal como acontece noutros países como a Noruega, Estados Unidos ou Tailândia, com taxas de incidência de consumo de pornografia entre jovens adolescentes, respetivamente de 24%, 42% e 58% (Tsitsika et al., 2009), existe também em Portugal, um consumo significativo entre estas faixas etárias. Algumas investigações nacionais referem que os jovens adolescentes iniciam a sua vida sexual cada vez mais cedo, existindo um número significativo de jovens, em vários contextos formativos, que adota condutas violentas nas suas relações amorosas (Caridade, 2011; Martins, 2012). Fica latente a seguinte questão e sugestão para futuras investigações: existindo um consumo significativo de pornografia entre jovens, qual o impacto deste ao nível das atitudes e condutas sexuais?

Assumindo o consumo de pornografia, especialmente a divulgada na internet, como uma componente importante do comportamento sexual contemporâneo em jovens e adultos, consideramos vantajoso poder-lo integrar de uma forma produtiva (ex. destacando as componentes criativas e fantasiosas, importantes na vivência psicológica da sexualidade) nos programas de educação sexual, uma vez que é sabido que a pornografia é uma das fontes de informação sexual mais significativa, tal como os pares, entre os jovens (Tjaden, 1988).

Consideramos que a pornografia divulgada na internet envolve uma indústria legalizada, com produções cada vez mais transgressivas, que visam prender a atenção dos utilizadores e combater o efeito de dessensibilização. Por outro lado, envolve igualmente, organizações criminosas que utilizam um mercado clandestino na produção e divulgação do material, recorrendo muitas vezes a diversas formas de coação (ex. Boyle, 2010; Reist & Bray, 2011). Tendo em conta estas questões e sabendo que há um número significativo de consumidores, nos quais a pornografia exerce um impacto, negativo ou positivo, parece-nos importante interrogarmo-nos sobre quais as fronteiras do que pode ser produzido e divulgado, em que circunstâncias pode ser consumido e por quem, isto sem cairmos em restrições excessivas e liberdades imprudentes. Na busca de respostas, consideramos que a Psicologia pode ter um papel preponderante, na medida em que estamos a lidar e a avaliar variáveis que fazem parte do nosso saber científico e âmbito de intervenção.

No que respeita às limitações do presente neste estudo, importa referir mais uma vez que, devido à escolha de uma amostra de conveniência, não foi possível a representatividade dos dados nem a sua generalização para a população em geral.

Na aplicação dos instrumentos, escolheu-se o método online, com recurso ao programa SurveyMonkey. Contudo, este tipo de métodos apresenta algumas desvantagens, desde logo, o facto de ainda não se encontrar suficientemente estudado, havendo alguma relutância em confiar na validade dos dados e da amostra (Martins, 2012). Existe também a facilidade de abandono do questionário, antes de este estar totalmente completo, particularmente nos questionários extensos, devido a fadiga e aborrecimento (Martins, 2012). Uma outra desvantagem pode ser o facto de o/a investigador/a não interagir diretamente com os/as participantes durante o preenchimento do questionário (Martins, 2012). No nosso caso, tentou-se minimizar estas limitações com a realização de apresentações presenciais da investigação em algumas turmas da licenciatura e mestrados em Psicologia, estimulando-se a adesão e colaboração no preenchimento integral dos questionários.

Outra limitação deste trabalho foi o facto de termos optado por um desenho de estudo simplificado, excluindo uma serie de variáveis (individuais e culturais) envolvidas no consumo de pornografia na internet e nas implicações deste ao nível das atitudes sexuais e crenças legitimadoras da violência sexual. Esta escolha deveu-se ao tempo relativamente limitado para a realização do trabalho, bem como, à falta de recursos necessário a uma investigação mais complexa.

Referências

- Abbey, A., Parkhill, M. R., BeShears, R., Clinton-Sherrod, A. M., & Zawacki, T. (2006). Cross-sectional predictors of sexual assault perpetration in a community sample of single African American and Caucasian men. *Aggressive Behavior*, 32, 54-67. doi:10.1002/ab.20107.
- Associação do Comércio Eletrónico e Publicidade Interactiva (ACEPI) (2012). Internet está a alterar profundamente os hábitos de consumo dos portugueses. Retrieved from <http://www.acepi.pt/artigoDetalhe.php?idArtigo=1213>
- Albright, J. M. (2008). Sex in America online: An exploration of sex, marital status, and sexual identity in internet sex seeking and its impacts. *Journal of Sex Research*, 45(2), 175-186. doi:10.1080/00224490801987481.
- Alferes, V. R. (1999). Escala de atitudes sexuais. In Simões, M. R, Gonçalves, M. M., & Almeida, L. S. (Eds.). *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (pp. 131-148). Braga, Portugal: APPORT/SHO.
- Alferes, V. R. (2002). *Encenações e comportamentos sexuais: Para uma psicologia social da sexualidade*. Porto, Portugal: Afrontamento.
- Allen, M., Emmers, T., Gebhardt, L., & Giery, M. A. (1995). Exposure to pornography and acceptance of rape myths. *Journal of Communication*, 45(1), 5-26. doi:10.1111/j.1460-2466.1995.tb00711.x.
- Anderson, V. N., Simpson-Taylor, D., & Herrmann, D. J. (2004). Gender, age, and rape-supportive rules. *Sex Roles*, 50(1-2), 77-90. doi:10.1023/B:SERS.0000011074.76248.

- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Estatísticas da APAV, Relatório anual de 2013. (2013). Retrieved May, 10, 2014 from http://apav.pt/apav_v2/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2013.pdf
- Ayres, M. M., & Haddock, S. A. (2009). Therapists' approaches in working with heterosexual couples struggling with male partners' online sexual behavior. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 16, 55-78. doi:10.1080/10720160802711952.
- Baltazar, A., Helm Jr., H. W., McBride, D., Hopkins, G., & Stevens Jr., J. V. (2010). Internet pornography use in the context of external and internal religiosity. *Journal of Psychology and Theology*, 38(1), 32-40. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/>
- Baumeister, R. F., Catanese, K. R., & Wallace, H. M. (2002). Conquest by force: A narcissistic reactance theory of rape and sexual coercion. *Review of General Psychology*, 6(1), 92-135. doi:10.1037//1089-2680.6.1.92.
- Boyle, K. (2010). *Everyday Pornography*. New York: Routledge.
- Bridges, A. J., Bergner, R. M., & Hesson-McInnis, M. (2003). Romantic partners' use of pornography: Its significance for women. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 29(1), 1-14. doi:10.1080/00926230390154790.
- Byers, E. S., & Eno, R. J. (1991). Predicting men's sexual coercion and aggression from attitudes, dating history, and sexual response. *Journal of Psychology and Human Sexuality*, 4(3), 55-70. doi:10.1300/J056v04n03_04.
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: Uma abordagem científica*. Coimbra, Portugal: Almedina.
- Carr, J. L., & Van Deusen, K. M. (2004). Risk factors for male sexual aggression on college campuses. *Journal of Family Violence*, 19(5), 279-289. doi:10.1023/B:JOFV.0000042078.55308.4d.
- Carroll, J. S., Padilla-Walker, L. M., Nelson, L. J., Olson, C. D., Barry, C. M., & Madsen, S. D. (2008). Generation XXX: Pornography acceptance and use among emerging adults. *Journal of Adolescent Research*, 23(1), 6-30. doi:10.1177/0743558407306348.
- Collins, R. L., Elliott, M. N., Berry, S. H., Kanouse, D. E., Kunkel, D., Hunter, S. B., & Miu, A. (2004). Watching sex on television predicts adolescent initiation of sexual behavior. *Pediatrics*, 114(3), 280-289. doi:10.1542/peds.2003-1065-L.

- Cooper, A. (2004). Online sexual activity in the new millennium. *Contemporary Sexuality*, 38(3), 1-7. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/>
- Cooper, A., Delmonico, D. L., & Burg, R. (2000). Cybersex users, abusers, and compulsives: New findings and implications. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 7(1-2), 5-29. doi:10.1080/10720160008400205
- Cooper, A., Galbreath, N., & Becker, M. A. (2004). Sex on the internet: Furthering our understanding of men with online sexual problems. *Psychology of Addictive Behaviors*, 18(3), 223-230. doi:10.1037/0893-164X.18.3.223.
- Cooper, A., Morahan-Martin, J., Mathy, R. M., & Maheu, M. (2002). Toward an increased understanding of user demographics in online sexual activities. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 28, 105-129. doi:10.1080/00926230252851861.
- Cooper, A., Putnam, D. E., Planchon, L. A., & Boies, S. C. (1999). Online sexual compulsivity: Getting tangled in the net. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 6(2), 79-104. doi:10.1080/10720169908400182.
- D'Orlando, F. (2011). The demand for pornography. *Journal of Happiness Studies*, 12(1), 51-75. doi:10.1007/s10902-009-9175-0.
- Dicionário da Língua Portuguesa (2010). Porto, Portugal: Porto Editora.
- Dines, G. (2010). *Pornland, how porn has hijacked our sexuality*. Boston: Beacon Press.
- Fisher, W. & Barak, A. (2001). Internet pornography: A social perspective on internet sexuality. *The Journal of Sex Research*, 38(4), 312-323. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/>
- Fisher, W. A., & Grenier, G. (1994). Violent pornography, antiwoman thoughts, and antiwomwn acts: In search of reliable effects. *The Journal of Sex Research*, 31(1), 23-38. doi:10.1080/00224499409551727.
- Flood, M. & Hamilton, C. (2003). Youth and pornography in Australia: Evidence on the extent of exposure and likely effects. Retrieved from <http://www.tai.org.au/node/915>
- Frazier, P. (2003). Perceived control and distress following sexual assault: A longitudinal test of a new model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84(6), 1257-1269. doi:10.1037/0022-3514.84.6.1257.

- Gallespie, A. A. (2008). Adolescents accessing indecent images of children. *Journal of Sexual Aggression*, 14(2), 111-122. doi:10.1080/13552600802248122.
- Garcia, L. T. (1986). Exposures to pornography and attitudes about women and rape: A correlational study. *Journal of Sex Research*, 22(3), 378-385. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/>
- Geiger, B., Fischer, M., & Eshet, Y. (2004). Date-rape-supporting and victim-blaming attitudes among high school students in a multiethnic society. *Journal of Interpersonal Violence*, 19(4), 406-442. doi:10.1177/0886260503262080.
- Hald, M. G., & Malamuth, N. M. (2008). Self-perceived effects of pornography consumption. *Archives of Sexual Behavior*, 37(4), 614-625. doi:10.1007/s10508-007-9212-1.
- Hald, M. G., Malamuth, N. M., & Yuen, C. (2010). Pornography and attitudes supporting violence against women: Revisiting the relationship in nonexperimental studies. *Aggressive Behavior*, 36(1), 14-20. doi:10.1002/ab.20328.
- Hendrick, S., & Hendrick, C. (1987). Multidimensionality of sexual attitudes. *The Journal of Sex Research*, 23(4), 502-526. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/>
- Jensen, R. (2011). Stories of rape culture: Pornography is propaganda. In Reist, M. T., & Bray A. (Eds). *Big porn inc: Exposing the harms of the global pornography industry* (pp. 25-33). Australia: Spinifex.
- Júnior, E. B. S. (2011). Os desprezados: A agressão masculina nos vídeos pornô e os processos de identificação e diferenciação na contemporaneidade. *Revista Invisível*, 0, 107-118. Retrieved from <http://revistainvisivel.com/wp-content/uploads/2011/09/Junior-Ratts.pdf>
- Júnior, J. L. (2011). A pornografia contemporânea e a estética do grotesco. *Revista Invisível*, 0, 11-23. Retrieved from <http://revistainvisivel.com/wp-content/uploads/2011/09/Jorge-Leite-Jr.pdf>
- Kingston, D. A., Fedoroff, P., Firestone, P., Curry, S., & Bradford J. M. (2008). Pornography use and sexual aggression: The impact of frequency and type of pornography use on recidivism among sexual offenders. *Aggressive Behavior*, 34, 341-351. doi:10.1002/ab.20250.

- Kingston, D. A., Malamuth, N. M., Fedoroff, P., & Marshall, W. L. (2009). The importance of individual differences in pornography use: Theoretical perspectives and implications for treating sexual offenders. *Journal of Sex Research*, 46(2-3), 216–232. doi:10.1080/00224490902747701.
- Kutchinsky, B. (1991). Pornography and rape: Theory and practice? Evidence from crime data in four countries where pornography is easily available. *International Journal of Law and Psychiatry*, 14(1/2), 47–64. doi:10.1016/0160-2527(91)90024-H
- Lambert, N. M., Negash, S., Stillman, T. F., Olmstead, S. B., & Fincham, F. D. (2012). A love that doesn't last: Pornography consumption and weakened commitment to one's romantic partner. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 31(4), 410–438. doi:10.1521/jscp.2012.31.4.410.
- Levert, N. P. (2007). A comparison of Christian and non-Christian males, authoritarianism, and their relationship to internet pornography addiction/compulsion. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 14(2), 145–166. doi:10.1080/10720160701354771.
- Linz, D. G., Donnerstein, E., & Penrod, S. (1984). The effects of multiple exposures to filmed violence against women. *Journal of Communication*, 34(3), 130–147. doi:10.1111/j.1460-2466.1984.tb02180.x.
- Linz, D. G., Donnerstein, E., & Penrod, S. (1988). Effects of long-term exposure to violent and sexually degrading depictions of women. *Journal of Personality and Social Psychology*, 55(5), 758–768. doi:10.1037/0022-3514.55.5.758.
- Lo, V., & Wei, R. (2002). Third-person effect, gender and pornography on the internet. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 46(1), 13–33. doi:10.1207/s15506878jobem4601_2.
- Lo, V., & Wei, R. (2005). Exposure to internet pornography and Taiwanese adolescent's sexual attitudes and behavior. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 49(2), 221–237. doi:10.1207/s15506878jobem4902_5.
- Malamuth, N. M., & Ceniti, J. (1985). Repeated exposure to violent and nonviolent pornography: Likelihood of raping ratings and laboratory aggression against women. *Aggressive Behavior*, 12(2), 129–137. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/>

- Malamuth, N. M., & Check, J. V. P. (1981). The effects of mass media exposure on acceptance of violence against women: A field experiment. *Journal of Research in Personality*, 15(4), 436-446. doi:10.1016/0092-6566(81)90040-4.
- Malamuth, N. M., & Check, J. V. P. (1984). Debriefing effectiveness following exposure to pornographic rape depictions. *The Journal of Sex Research*, 20(1), 1-13. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/>
- Malamuth, N. M., Addison, T., & Koss, M. (2000). Pornography and sexual aggression: Are there reliable effects and can we understand them? *Annual Review of Sex Research*, 11, 26-91. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/>
- Malamuth, N. M., Heim, M., & Feshbach, S. (1980). Sexual responsiveness of college students to rape depictions: Inhibitory and disinhibitory affects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38(3), 399-408. doi:10.1037/0022-3514.38.3.399.
- Manning, J. C. (2006). The impact of internet pornography on marriage and the family. A review of the research. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 13(2-3), 131-165. doi:10.1080/10720160600870711.
- Martins, S. M. (2012). *Vitimização e Perpetração Sexual em Jovens Adultos: da Caracterização da Prevalência às Atitudes*. Tese de Doutorado, Escola Superior de Psicologia, Universidade do Minho, Portugal. Retrieved from <http://hdl.handle.net/1822/24405>
- Martins, S., Machado, C., Abrunhosa, R., & Manita, C. (2012). Escala de Crenças Sobre Violência Sexual (ECVS). *Análise Psicológica*, 30(1-2), 177-191. Retrieved from <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v30n1-2/v30n1-2a14.pdf>
- Machado, C., Gonçalves, M., & Matos, M. (2000). ECV – Escala de Crenças sobre a Violação. Braga. Universidade do Minho: IEP.
- McKee, A. (2007). The positive and negative effects of pornography as attributed by consumers. *Australian Journal of Communication*, 34(1), 87-104. Retrieved from <http://eprints.qut.edu.au/14575/1/14575.pdf>
- Meerkerk, G., Van Den Eijnden, R. J.J.M., & Garretsen, H. F. L. (2006). Predicting compulsive internet use: It's all about sex! *Cyberpsychology & Behavior*, 9(1), 95-103. doi:10.1089/cpb.2006.9.95.

- Mould, D. E. (1988). A reply to Malamuth and Donnerstein and Linz. *The Journal of Sex Research*, 24(1-4), 353-358. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/>
- Munsch, C. L., & Willer, R. (2012). The role of gender identity threat in perceptions of date rape and sexual coercion. *Violence Against Women*, 18(10), 1125-1146. doi:10.1177/1077801212465151.
- Paasonen, S. (2010). Labors of love: Netporn, web 2.0 and the meanings of amateurism. *New Media & Society*, 12(8), 1297-1312. doi:10.1177/1461444810362853.
- Ministério da Cultura e Coordenação Científica (1983). Critérios gerais de classificação dos espetáculos (Portaria n.º 245 de 3 de Março de 1983). Retrieved from <https://www.dre.pt/cgi/dr1s.exe?t=dr&cap=1-1200&doc=19830796%20&v02=&v01=2&v03=1900-01-01&v04=3000-12-21&v05=&v06=&v07=&v08=&v09=&v10=&v11=Portaria&v12=&v13=&v14=&v15=&sort=0&submit=Pesquisar>
- Pringle, H. (2011). A studied indifference to harm: Defending pornography in the Porn Report. In Reist, M. T., & Bray A. (Eds.). *Big porn inc: Exposing the harms of the global pornography industry* (pp.122-133). Australia: Spinifex.
- Quayle, E., & Taylor, M. (2001). Child seduction and self-representation on the internet. *Cyberpsychology & Behavior*, 4(5), 597-608. doi:10.1089/109493101753235197.
- Ramos, V., Carvalho, C. C., & Leal, I. P. (2005). Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: A hipótese do duplo padrão sexual. *Análise Psicológica*, 2(23), 173-185. Retrieved from <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v23n2/v23n2a08.pdf>
- Reid, R. C., Li, D. S., Gilliland, R., Stein, J. A., & Fong, T. (2011). Reliability, validity, and psychometric development of the pornography consumption inventory in a sample of hypersexual men. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 37(5), 359-385. doi:10.1080/0092623X.2011.607047.
- Reist, M. T., & Bray A. (2011). *Big porn inc: Exposing the harms of the global pornography industry*. Australia: Spinifex.
- Rogala, C., & Tyden, T. (2003). Does pornography influence young women's sexual behavior? *Women's Health Issues*, 13(1), 39-43. doi:10.1016/S1049-3867(02)00174-3.

- Román, G. (2000). *O Eros eletrônico*. Lisboa, Portugal: Editorial Notícias.
- Schumacher, J. A., Feldbau-Kohn, S., Slep, A. M. S., & Heyman, R. E. (2001). Risk factors for male-to-female partner physical abuse. *Aggression and Violent Behavior*, 6(2-3), 281–352. doi:10.1016/S1359-1789(00)00027-6.
- Shope, J. H. (2004). When words are not enough, the search for the effect of pornography on abused women. *Violence Against Women*, 10(1), 56-72. doi:10.1177/1077801203256003.
- Short, M. B., Black, L., Smith, A. H., Wetterneck, C. T., & Wells, D. E. (2012). A review of internet pornography use research: Methodology and content from the past 10 years. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 15(1), 13-23. doi:10.1089/cyber.2010.0477.
- Stack, S., Wasserman, I., & Kern, R. (2004). Adult social bonds and use of internet pornography. *Social Science Quarterly*, 85(1). doi:10.1111/j.0038-4941.2004.08501006.x.
- Testa, M., VanZile-Tamsen, C., Livingston, J. A., & Koss, M. P. (2004). Assessing women's experiences of sexual aggression using the sexual experiences survey: Evidence for validity and implications for research. *Psychology of Women Quarterly*, 28(3), 1273-1323. doi:10.1111/j.1471-6402.2004.00143.x.
- Tjaden, P. G. (1988). Pornography and sex education. *The Journal of Sex Research*, 24(1-4), 208-212. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/>
- Tsitsika, A., Critselis, E., Kormas, G., Konstantoulaki, E., Constantopoulos, A., & Kafetzis, D. (2009). Adolescent pornographic internet site use: A multivariate regression analysis of the predictive factors of use and psychosocial implications. *Cyberpsychology & Behavior*, 12(5), 545-550. doi:10.1089/cpb.2008.0346.
- Vega, V., & Malamuth, N. M. (2007). Predicting sexual aggression: The role of pornography in the context of general and specific risk factors. *Aggressive Behavior*, 33(2), 104-117. doi:10.1002/ab.20172.
- Viana, L. G., & Vieira, L. L. F. (2012). Uma Escrita Pornográfica em Espaços Cibernéticos. *Anais do Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Género da ABEH*, 1(1). Retrieved from http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Ffabe.org.br%2Findex.php%3Foption%3Dcom_phocadownload%26view%3Dcate

gory%26download%3D351%3A120pdf%26id%3D1%3Aanais-abeh-2012%26Itemid%3D122&ei=dFpyU6ubJbHo7AbNrYH4BA&usg=AFQjCNF21q9f1uYxQck2ZlFEB_wBTyOgTQ

- Wetterneck, C. T., Burgess, A., J., Short, M. B., Smith, A. H., & Cervantes, M. E. (2012). The role of sexual compulsivity, impulsivity and experiential avoidance in internet pornography use. *The Psychological Record*, 62(1), 3-18. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/>
- Wright, P. J. (2012). A longitudinal analysis of us adults' pornography exposure sexual socialization, selective exposure, and the moderating role of unhappiness. *Journal of Media Psychology*, 24(2), 67-76. doi:10.1027/1864-1105/a000063.
- Wright, P. J. (2013). U.S. males and pornography, 1973–2010: Consumption, predictors, correlates. *Journal of Sex Research*, 50(1), 60 -71. doi:10.1080/00224499.2011.628132.
- Zaldívar, S. S., & Díez, I. I. (2009). Nuevas dimensiones, nuevas adicciones: La adiccional al sexo en internet. *Intervención Psicosocial*, 18(3), 255-26. Retrieved from <http://scielo.isciii.es/pdf/inter/v18n3/v18n3a06.pdf>
- Zillmann, D., & Bryant, J. (1982). Pornography, sexual callousness, and the trivialization of rape. *Journal of Communication*, 32(4), 10-21. doi:10.1111/j.1460-2466.1982.tb02514.x.
- Zitzman, S. T., & Butler, M. H. (2009). Wives' experience of husbands' pornography use and concomitant deception as an attachment threat in the adult pair-bond relationship. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 16(3), 210-240. doi:10.1080/10720160903202679.